

1º DOMINGO NA QUARESMA

TEXTO: MATEUS 4.1-10

A tentação de Jesus no deserto

LEITURAS

Salmo 32.1-7: Salmo penitencial de confissão e absolvição. O salmista Davi expressa os danos que os pecados não confessados podem causar e, por outro lado, as bênçãos que provêm da confissão dos pecados e da confiança no perdão oferecido por Deus.

Gênesis 3.1-21: A tão conhecida história da queda em pecado. A sagaz serpente, o diabo, tenta Eva e, conseqüentemente Adão, à desobedecerem a Deus e escolherem o caminho da morte. Com muita malícia e perspicácia a tentação vai avançando, primeiro como uma dúvida a respeito da ordem divina, em seguida levando a rejeição da ordem expressa de Deus e, por fim, levando o ser humano a querer ser como Deus ou o seu próprio Deus.

Romanos 5.12-19: A relação e comparação entre Adão e Cristo. O pecado de Adão trouxe culpa, desejo de pecar e mortalidade para todos os homens. Mas não adianta culpar Adão pelas nossas escolhas. Continuamos pecando e somos merecedores de eterna condenação. Entretanto, no segundo Adão, Jesus Cristo, a Lei foi cumprida, a justiça foi reestabelecida, os pecados foram pagos pela morte do obediente Filho.

RELAÇÃO ENTRE OS TEXTOS: A relação é bastante óbvia e quem a faz primeiro é o próprio apóstolo Paulo. Enquanto Adão, tentado no bem-estar do paraíso, falhou, Cristo, tentado na privação e más condições do deserto, venceu (Rm). Enquanto por meio dos primeiros seres humanos o pecado entrou no mundo (Gn), por meio de Cristo, que nos substituiu em tudo, obedecendo a Deus e vencendo todas as tentações (Mt), o pecado foi pago. Agora, ao confessarmos nossos pecados temos perdão gratuito e paz com Deus (Sl).

Mateus 4.1-11:

Versículo por versículo

V.1 - As três tentações de Jesus estabelecem ligação com seu batismo não só pela referência à filiação e ao Espírito, mas também pela palavra de abertura “então” (tote). A atestação de

Jesus como Filho (3.17) fornece “a oportunidade natural para essas tentações especiais como descritas aqui”. O mesmo Espírito que gerou Jesus (1.20) e atestou o reconhecimento de sua filiação pelo Pai (3.16,17), agora, leva-o ao deserto para ser tentado pelo demônio. O “deserto” (cf. sobre 3.1) não só é o lugar associado à atividade demoníaca (Is 13.21; 34.14; Mt 12.43; Ap 18.2;), mas também é, em um contexto de referências abundantes a Deuterônomo 6—8, o local em que Israel vivenciou seus primeiros grandes testes.

O fato de Jesus ser levado “pelo Espírito” para ser tentado “pelo Diabo” não é mais estranho do que Jó 1.6—2.7 ou que 2Samuel 24.1 (IC r 2 1 .1).

V.2 - Continuam os paralelos com a Israel histórica. O jejum de Jesus por quarenta dias e noites reflete a errância de Israel por quarenta anos (Dt 8.2). A fome de Israel e de Jesus forneceu uma lição (Dt 8.3); ambos passaram um tempo no deserto preparatório para suas respectivas obrigações. O principal ponto é que ambos os “filhos” foram testados pelo desígnio de Deus (Dt 8.3,5; cf. Êx 4.22), o primeiro depois de ser resgatado do Egito e o outro depois de seu batismo, para provar sua obediência e lealdade na preparação para a obra designada para eles. O primeiro “filho” falhou, mas apontava para o “Filho” que nunca falharia (cf. sobre 2.15). Nesse sentido, as tentações legitimaram Jesus como verdadeiro Filho de Deus.

Ao mesmo tempo, a fome de Jesus apresenta-nos várias ironias às quais Mateus alude mais ou menos explicitamente: Jesus está com fome (v. 2), mas alimenta outros (14.13-21; 15.29-39); ele está fraco (8.24), mas oferece descanso para os outros (11.28); ele é o Rei Messias, mas paga tributo (17.24-27); ele é chamado de diabo, mas expulsa demônios (12.22-32); ele tem a morte de um pecador, mas veio para salvar seu povo de seus pecados (1.21); ele é vendido por trinta moedas de prata, mas dá sua vida em resgate de muitos (20.28); ele não transforma pedra em pão para si mesmo (4.3,4), mas oferece seu corpo como pão para as pessoas (26.26).

V. 3,4 – “Se” mais para “Já que é, visto que é”.

O Objetivo do diabo com a tentação não era levantar dúvidas quanto a filiação de Jesus ao Pai, mas quanto a satisfazer seus próprios desejos. A filiação do Deus vivo, sugeriu ele, representa, sem dúvida, que Jesus tem o poder e o direito de satisfazer suas próprias necessidades.

O mesmo escárnio: “Se és o Filho de Deus” é lançado contra ele em 27.40, quando, se ele deixasse a cruz, anularia o propósito de sua vinda. De forma semelhante, embora Jesus pudesse ter conseguido a ajuda de legiões de anjos, como seriam cumpridas as Escrituras que diziam que ele tinha de sofrer e morrer (26.53,54)?

A luz desses paralelos, devemos concluir que o objetivo de Satanás era incitar Jesus a usar poderes seus por direito, mas que ele abandonara voluntariamente a fim de realizar a missão do Pai. Reclamá-los para si mesmo negaria a humilhação própria implícita em sua missão e na vontade do Pai. Israel exigiu seu pão, mas morreu no deserto; Jesus negou o pão a si mesmo, conservou sua justiça e viveu pela submissão fiel à palavra de Deus.

V 5-7 - A hesitação de Jesus não se deve à ponderação sobre se ele ou seu Pai podiam ordenar a forças normais da natureza (cf. 8.26; 14.31), mas ao fato de que a Escritura proíbe testar a Deus (v. 7). A referência alude a Êxodo 17.2-7 (cf. Nm 20.1-13), passagem em que os israelitas “colocam o Senhor à prova” por exigir água. Da mesma forma, Jesus foi testado por Satanás para testar a Deus; mas Jesus considerou o teste de Satanás um tipo de suborno expressamente proibido pela Escritura. Para Israel e para Jesus, era errado exigir proteção milagrosa como prova do cuidado de Deus; a atitude apropriada é confiar e obedecer (Dt 6.17). Assim, vemos algo de como Jesus lidava com a Escritura: o “também” mostra que Jesus não permitiria nenhuma interpretação que gerasse o que ele sabia que contrariaria alguma outra passagem.

V. 8-10 = Satanás oferece os reinos do mundo e o “esplendor” deles sem mostrar o pecado deles. Contudo, Jesus veio para remover o pecado. Aqui estava uma tentação, “conseguir poder adorando o rival de Deus”, o caminho mais curto para conseguir a mais plena autoridade messiânica. Satanás oferecia uma interpretação do ideal teocrático que se desvia da cruz e introduz a idolatria. No batismo de Jesus, a voz falou palavras que uniam o messiado davídico e o serviço sofredor; havia estímulo para desfrutar o primeiro sem passar pelo segundo. Causa pouca admiração que, mais tarde, Jesus dirija-se de forma tão contundente a Pedro, quando este fez uma sugestão semelhante (16.23).

V.11 = O diabo deixou Jesus “até ocasião oportuna” (Lc 4.13); e o tempo presente usado por Mateus (aphiêsín) pode sugerir a mesma coisa (Hill, Matthew [Mateus]). Embora o conflito mal tenha começado, o padrão de obediência e de confiança foi estabelecido. Ele aprendeu a resistir ao diabo (cf. Tg 4.7). A ajuda dos anjos não é alguma bênção passageira, mas sustentada (provavelmente o tempo imperfeito é relevante). Jesus tinha se recusado a saciar sua fome transformando milagrosamente pedra em pão, agora, ele é alimentado de forma sobrenatural (diêkonoun, “atendido”, com frequência, usado em conexão com alimento, e.g., 8.15; 25.44; 27.55; At 6.2; cf. Elias em IRs 19-6,7). Ele recusara-se a se atirar dos píncaros do templo na esperança de conseguir ajuda dos anjos; e, agora, estes o alimentam. Ele recusarase

a tomar o caminho mais curto para herdar o reino do mundo; agora, ele cumpre a Escritura iniciando seu ministério e anunciando o reino na Galileia dos gentios.

LEI E EVANGELHO

Os textos evidenciam nosso fracasso diante das tentações. Por meio da Palavra, o Espírito Santo nos convence de nosso pecado e fica claro como somos frágeis diante dos ataques e armadilhas do diabo. Com muita sagacidade, o diabo usa diversas ferramentas e técnicas para fazer com que nossa confiança em Deus seja colocada em outro lugar. Assim como tentou Jesus, o diabo nos tenta na esfera física, emocional e espiritual. Infelizmente, com sucesso.

Por outro lado, Jesus é nosso Perfeito Substituto. Jesus vence a tentação, triunfa sobre o mal e estabelece sua trajetória até a cruz por amor à humanidade. Sua obediência e resistência diante das tentações do diabo garantem o nosso perdão e paz com Deus. No batismo, morremos com Cristo para o pecado e somos ressuscitados para uma nova vida. Pela atuação do Espírito Santo em nossos corações, vencemos muitas tentações diárias.

PREGAÇÃO

O texto do Evangelho é muito rico e possibilita diferentes abordagens de acordo com a necessidade e realidade de cada congregação. É importante destacar a idéia central, de que este não é um simples modelo para vencermos as tentações, e sim a realização de mais uma etapa da obra de Cristo Jesus. Esse texto dá margem para falarmos sobre: A obediência do Filho; sobre a forma de atuar do diabo; sobre as tentações físicas, emocionais e espirituais que sofremos; como usar a interpretar corretamente a bíblia à semelhança de Cristo; A confiança em Deus nas adversidades, etc...

E ainda, tentações em si, por mais que não tenham essa intenção primária, podem sim nos ensinar coisas importantes para nossa vivência cristã diante das próprias tentações que sofremos.

Gabriel Hoffmann